

# NIETZSCHE: CULTURA, ILUSÃO E VIDA<sup>1</sup>

Robione Antonio Landim<sup>2</sup>  
Lucas Ribeiro Vaz Vitorino<sup>3</sup>  
Raquel Matias Mais<sup>4</sup>  
Taisa Rocha Maranhães<sup>5</sup>

## Resumo

A partir de *Humano, demasiado humano*, escrito que compreende o chamado período intermediário da filosofia nietzschiana, pretendemos mostrar, basicamente, qual o sentido de ilusão presente na crítica de Nietzsche em relação à metafísica, à moral e à religião. Gostaríamos de esclarecer que é no decorrer da exposição que desejamos de ver respondidas as seguintes questões: como Nietzsche compreende o sentido de ilusão em *Humano, demasiado humano*? A ilusão não se equivale a uma interpretação equivocada, falácia e/ou mentira que deve ser descartada e cuidada para que não apareça na vida humana. Ela é entendida aqui como uma aversão ao movimento, à mudança, ao tornar-se das coisas. Essa é a chave interpretativa para compreendermos a crítica nietzschiana à metafísica, à religião, à moral e à arte como ilusões. A maneira de ir além dessas oposições estabelecidas pela ficção metafísica é uma retomada histórica das etapas da história humana. O erro dos elementos culturais não será eliminado com essa crítica, mas tais construções não serão reconhecidas mais como autônomas, e sim como uma tentativa de garantia e de “empatia com a vida e o sofrimento” que é pouco desenvolvida no indivíduo. A mentira é necessária para vivermos.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Ilusão. Cultura. Vida

## 1 INTRODUÇÃO

É comum no nosso cotidiano nos depararmos com mensagens que se referem ao termo ilusão como uma interpretação equivocada acerca de alguma

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica – Nietzsche: cultura, ilusão e vida - desenvolvido ao longo de 2021, com o financiamento do UniAcademia.

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Academia. E-mail: robionelandim@uniacademia.edu.br.

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: Irvvitorino@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Filosofia pelo Centro Universitário Academia. E-mail: rakelmatias55@gmail.com.

<sup>5</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Academia. E-mail: taisamaranhães@outlook.com.

coisa. Enquanto um procedimento que visa enganar ou que oferece uma visão distorcida da realidade, a ilusão deve ser eliminada, extirpada da vida humana. No entanto, quando lemos o prólogo de *Humano, demasiado humano* (2005), escrito em 1886, após a publicação da obra que aconteceu em 1878, encontramos a seguinte passagem: “Basta, eu ainda vivo; e a vida não é excogitação da moral: ela *quer* ilusão, *vive* da ilusão...” (NIETZSCHE, HDH<sup>6</sup>, §1, Prólogo, p. 8). O que Nietzsche quer dizer com isso? A partir deste livro, escrito que compreende o chamado período intermediário da filosofia nietzschiana, pretendemos mostrar o sentido de ilusão que permeia a crítica de Nietzsche face à metafísica, à moral e à religião, no livro acima indicado. Gostaríamos de esclarecer que é no decorrer da exposição que desejamos ver respondidas as seguintes questões: como a ilusão é compreendida por Nietzsche em *Humano, demasiado humano*? Qual o papel da ilusão para a vida?

Neste caso, a ilusão não se equivale àquele sentido comumente encontrado que mencionamos acima, ou seja, como interpretação errônea da realidade; mas possui um significado amplo no pensamento nietzschiano. Muitas formas de interpretar a efetividade seriam ilusões que têm valor para a vida. Mediante um mundo sombrio e desagradável, cruel, contraditório e sem sentido – esse é o mundo que se mostra nos escritos nietzschianos – o homem precisou inventar mecanismos, instrumentos para manter-se na realidade. Entre esses mecanismos inventados encontram-se a arte, a religião, a metafísica, a ciência e a moral. Todas essas invenções estão a serviço da vida que é compreendida como uma fonte criadora de ilusões como modos artísticos de concepção do mundo. Contudo, o problema emerge quando as obras dessa produção esquecendo-se que foram plasmadas para a vida, ultrapassam os limites do humano, tornando-se realidades objetivas, autônomas. Ao invés de serem consideradas meras invenções, isto é, como um instrumento e um artifício no conjunto da vida, elas se tornaram medida e valor superior da própria vida. Por isso são consideradas como ilusões. Mas

---

<sup>6</sup> É consensual, ao citar trechos dos escritos de Nietzsche, se referir sempre a sigla da obra em questão, seguido do número do aforismo citado. Neste trabalho, faremos ainda dois acréscimos: colocaremos após o número do aforismo o ano referente à edição do livro usado e a página de onde foi extraído o fragmento. As siglas para as obras nietzschianas usadas neste estudo são: HDH (2005), GC (2001).

como Nietzsche revela o caráter ilusório dos elementos da cultura? Sobre isso veremos no próximo tópico.

## **2 FILOSOFIA HISTÓRICA E CIÊNCIA NATURAL: “O MAIS NOVO DOS MÉTODOS FILOSÓFICOS”<sup>7</sup>**

*Humano, demasiado humano*, escrito em 1878, vai representar no que tange ao conjunto das obras nietzschianas, certo distanciamento da filologia reconhecida em *A origem da tragédia*. A filologia começa a ser abandonada por Nietzsche, na medida em que ele se afasta de uma perspectiva da “[...] metafísica do artista [...]” (VATTIMO, 1990, p. 13) e se aproxima de um posicionamento de crítico da cultura. Nesse período, o autor se volta mais para as ciências naturais, deslocando para segundo plano o interesse anterior pela arte (VATTIMO, 1990). É um novo momento do pensamento do autor, segundo o qual a filosofia histórica e a ciência natural estão irremediavelmente interligadas; “[...] a filosofia histórica, que não se pode mais conceber como distinta da ciência natural, o mais novo dos métodos filosóficos [...]” (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15).

A problemática sobre a qual nos debruçamos neste artigo leva em consideração a seguinte pergunta: como a ilusão é compreendida por Nietzsche em *Humano, demasiado humano*? Nietzsche se recusa a admitir a ilusão como um simples resultado do engano dos sentidos (LIMA, 2006); ela possui um significado amplo na sua filosofia. Mediante um mundo sombrio, desagradável, cruel, contraditório e sem sentido, o homem precisou inventar mecanismos e instrumentos para manter-se na realidade. Entre esses mecanismos forjados se encontram a arte, a religião, a metafísica, a ciência e a moral. Porém, a filosofia metafísica desconhece que “tudo veio a ser”, que “não existem fatos eternos”, “assim como não existem verdades absolutas” (NIETZSCHE, HDH, §2, 2005, p. 16). Na perspectiva metafísica, as manifestações culturais se constituem um mundo independente, uma realidade em si. Elas ganham esse status de realidade autônoma, entretanto, apenas no sonho.

A imaginação continuamente lhe oferece imagens, recorrendo às impressões visuais do dia para produzi-las, e exatamente assim faz a

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15.

imaginação do sonho: — isto é, a suposta causa é inferida do efeito e representada após o efeito: tudo isso com extraordinária rapidez, de modo que, como diante de um prestidigitador, pode haver uma confusão do julgamento e uma sucessão se apresentar como algo simultâneo, ou mesmo como uma sucessão invertida (NIETZSCHE, HDH, §13, 2005, p. 23).

O filósofo questiona a compreensão metafísica que concebe a origem das coisas como sagradas e critica a suposição de que estas advém da realidade numênica, isto é, da coisa em si. Mas como fará isso? O pensador tomará a ciência não como lugar de verdade absoluta, mas como um método que permite o exercício da dúvida, desprovida de fanatismo. Servindo-se da filosofia histórica — que, neste caso, se embaralha com a ciência natural —, Nietzsche se opõe à filosofia metafísica que depois da fixação parmenidiana da oposição entre ser e não ser que pode ser considerada na origem, negou “a gênese de um a partir do outro, e supondo para as coisas de mais de alto valor uma origem miraculosa, diretamente do âmago e da essência da ‘coisa em si’” (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15). Através da filosofia histórica, que não se pode mais conceber como distinta da ciência natural, o mais novo dos métodos filosóficos, Nietzsche indica que essa impossibilidade da conversão dos opostos um no outro é um erro de raciocínio precisamente do exagero da concepção popular ou metafísica. Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche contrapõe a chamada “filosofia histórica” à tradicional “filosofia metafísica” (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15). Confirmamos o que ele mesmo disse:

Em quase todos os pontos, os problemas filosóficos são novamente formulados tal como dois mil anos atrás: como pode algo se originar do seu oposto, por exemplo, o racional do irracional, o sensível do morto, o lógico do ilógico, a contemplação desinteressada do desejo cobiçoso, a vida para o próximo do egoísmo, a verdade dos erros? Até o momento, a filosofia metafísica superou essa dificuldade negando a gênese de um a partir do outro, e supondo para as coisas de mais alto valor uma origem miraculosa, diretamente do âmago e da essência da "coisa em si". Já a filosofia histórica [...], o mais novo dos métodos filosóficos, constatou, em certos casos (e provavelmente chegará ao mesmo resultado em todos eles), que não há opostos, salvo no exagero habitual da concepção popular ou metafísica [...] (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15).

O método da filosofia histórica permitirá a movimentação nietzschiana em direção ao devir, àquilo que se movimenta e não está preliminarmente definido. O que não está em conformidade com o vir-a-ser é uma ilusão. Esta é compreendida como uma forma de aversão à mudança, de rejeição àquilo que se movimenta, ao vir a ser. O pensamento metafísico se caracteriza como uma

estrutura lógica contemptora da transformação, que preza pela unidade em detrimento da multiplicidade. Religião e moral também são expressões desse tipo de discurso.

O movimento, o devir heráclítico — “[...] a verdade do ser é o devir” (SANTOS, 1990, p. 6) — são a contrariedade à metafísica. A humanidade, porém, necessita do metafísico pela falta de aceitação ao transitório (NIETZSCHE, HDH, § 31, 2005, p. 37). A humanidade deseja se ver livre da parcela desagradável da existência, encontrando na racionalidade um caminho.

Apenas os homens muito ingênuos podem acreditar que a natureza humana pode ser transformada numa natureza puramente lógica; mas, se houvesse graus de aproximação a essa meta, o que não se haveria de perder nesse caminho! Mesmo o homem mais racional precisa, de tempo em tempo, novamente da natureza, isto é, de sua ilógica relação fundamental com todas as coisas (NIETZSCHE, HDH, §31, 2005, p. 37).

À vista disso, cabe dizer que o erro humano promove os significados e a essência de mundo, pois a representação é, antes, um erro, uma ilusão. Desta forma, tanto a realidade quanto a interpretação, ou seja, o erro, a ilusão, se mostraram, de certo modo, congruentes à experiência humana, de forma a servi-la como meio de estar no mundo: “O erro tornou o homem profundo, delicado e inventivo a ponto de fazer brotar as religiões e as artes. O puro conhecimento teria sido incapaz disso. Quem nos desvendasse a essência do mundo, nos causaria a todos a mais incômoda desilusão” (NIETZSCHE, HDH, §29, 2005, p. 36).

Se a ilusão, em Nietzsche, é a posição estática e aceitação dos dados sem questionamento, o que podemos compreender da concepção de verdade, para o autor? A vontade de verdade será teorizada antes como vontade de engano, em que se busca a atribuição de um determinado valor ou moral como verdade, mas tal pressuposto só pode ser considerado na medida em que se desenvolve historicamente, o que torná-lo-ia na desejada verdade. Mas, como é perceptível a partir de tal descrição, este é um processo histórico, de um devir da humanidade, e não uma entidade primigênia sem precedentes anteriores (CAMARGO, 2008).

Ao contrário do que pode se conjecturar em consequência das elaborações nietzschianas no que tange à vontade de verdade, tal filosofia considera que as representações, erros e ilusões são necessários para a

experiência humana. Justifica-se tal necessidade a partir da percepção de que “toda crença no valor e na dignidade da vida se baseia num pensar inexato; é possível somente porque a empatia com a vida e o sofrimento universais da humanidade é pouco desenvolvida no indivíduo [...]” (NIETZSCHE, HDH, §33, 2005, p. 38), e, desta forma, assume-se a falta de interesse extrapessoal intrínseca à humanidade. Além disso, o conceito de verdade também será reformulado em direção a posicioná-lo mais perto do erro; a verdade, nesse sentido, é o erro mais inequívoco, se é que podemos usar tal expressão. Aquele que se assemelha menos, que quantitativamente está mais distante da ilusão; assim como tudo o mais, a verdade foi criada e desta forma não pode ser outro que não um erro (CAMARGO, 2008).

A crítica desenvolvida no âmbito de *Humano, demasiado humano* não é outra coisa senão compreender que tudo veio a ser. Ou seja, Nietzsche intenta mostrar que as coisas humanas não possuem uma origem sublime, divina, mas têm um sentido histórico, passarem a existir. Não considerar o caráter histórico das coisas é um erro, uma ilusão.

### **3 METAFÍSICA, RELIGIÃO E ARTE COMO TENTATIVAS DE ENCOBRIR O VIR A SER**

Em *Humano, demasiado humano* (2005), Nietzsche aponta que a dor e o sofrimento fazem parte do que é a existência humana. Porém, “a empatia com a vida e o sofrimento universais é pouco desenvolvida no indivíduo”, pois “no conjunto a humanidade não tem objetivo *nenhum*” (NIETZSCHE, HDH, §33, 2005, p. 38). Com a incapacidade de aceitar a vida na sua integralidade onde o ilógico, a dor e o sofrimento habitam, o humano cria artifícios como a metafísica, a moral, a ciência, a arte e a religião que tornam o seu viver mais tranquilo, agradável e seguro. Essa é a razão pela qual as explicações metafísicas se tornaram atraentes (NIETZSCHE, HDH, §17, 2005, p. 26).

Para Nietzsche, todas essas instâncias culturais vieram a ser e não existiram desde sempre, eternamente. A filosofia histórica, como já indicado anteriormente, não busca outra coisa senão compreender que tudo veio a ser, que não existem fatos eternos. A metafísica, no entanto, negou essa origem e supôs para as coisas uma “origem miraculosa, diretamente do âmago e da essência da ‘coisa em si’” (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15). Ela, portanto,

ignora o devir histórico do homem, dotando as expressões humanas como a-históricas. Isso, porém, continua sendo um erro interpretativo, pois o mundo é uma criação humana. A metafísica, a linguagem, a arte, a religião, a moral são confecções humanas, demasiadamente humanas. As manifestações culturais são criações, invenções e ilusões que a humanidade cria para viver. Por isso não constituem um mundo real em si mesmo, independente. Apenas ganham esse status de uma realidade autônoma, independentes do humano no sonho. No fundo, todo dualismo que vigorou na cultura ocidental, desde a filosofia de Sócrates e Platão, tal como corpo e alma, aparência e essência, fenômeno e coisa em si, se “relaciona à antiquíssima concepção do sonho” (NIETZSCHE, HDH, §5, 2005, p. 18). Nietzsche até concede a possibilidade da existência do mundo metafísico, pois dificilmente podemos contestar a sua possibilidade absoluta, “mas tudo que até hoje tornou para eles *valiosas, pavorosas, prazerosas* as suposições metafísicas, tudo o que as criou, é paixão, erro e auto ilusão; foram os piores, e não os melhores métodos cognitivos, que ensinaram a acreditar nelas” (NIETZSCHE, HDH, §9, 2005, p. 19).

A crítica da metafísica como uma ilusão consiste em recusar o enrijecimento dos opostos teorizado por ela e que vige em nosso mundo. Com essa análise, Nietzsche não propõe a adoção de um ponto de vista histórico-objetivo, ou seja, não se trata de desmascarar o erro das construções metafísicas em vista de alcançar outra verdade mais fundamental que será a substituta daquela que foi questionada. O pensamento nietzschiano não é uma filosofia que se coloca a caminho da verdade; seu empreendimento filosófico consiste no problema da civilização (WOTLING, 2013). Nietzsche retira os véus que encobriam a origem humana das instâncias culturais; não o faz para perseguir uma verdade, mas para mostrar que “O erro tornou o homem profundo, delicado e inventivo a ponto de fazer brotar as religiões e as artes” (NIETZSCHE, HDH, §30, 2005, p. 36). A maneira de ir além dessas oposições estabelecidas pela ficção metafísica é uma retomada histórica das etapas da história humana. O erro dos elementos culturais não será eliminado com essa crítica, mas eles não serão reconhecidos mais como autônomos, e sim como uma tentativa de garantia e de “empatia com a vida e o sofrimento” que é pouco desenvolvida no indivíduo. Conforme o estudioso italiano:

[...] o desmascaramento já sabe que é algo mais do que redução da ficção à sua pretensa 'verdade', e se abre caminho para reconhecer, sem angústia moralista, que se mente sempre (VATTIMO, 2017, p. 112).

Toda forma inventada para contornar ou encobrir o devir que constitui a vida se mostrou um erro, uma mentira, na medida em que se tornou uma realidade autônoma. A mentira, porém, é necessária para vivermos:

[...] por que, na vida cotidiana, os homens normalmente dizem a verdade? – Não porque um deus tenha proibido a mentira, certamente. Mas, em primeiro lugar, porque é mais cômodo; pois a mentira exige invenção, dissimulação e memória [...]. Depois, porque é vantajoso, em circunstâncias simples, falar diretamente 'quero isto, fiz isto' e coisas assim; ou seja, porque a vida da imposição e da autoridade é mais segura que a da astúcia (NIETZSCHE, HDH, §54, 2005, p. 54).

A ânsia com que os homens normalmente dizem a verdade não se dá porque a mentira foi proibida por Deus, mas porque se é mais cômodo. Dizer a verdade contribui para o próprio funcionamento da vida e comunicação em sociedade. Com a verdade fixada não é preciso inventar o nome das coisas a todo o momento. A verdade, portanto, nasce com base em exigências vitais, no medo e na insegurança. Porém, o

[...] surgimento de uma 'verdade' e de uma mentira socialmente reconhecidas e definidas nas regras da linguagem traz consigo o nascimento de um mundo de formas que, precisamente em virtude dessas mediações, parecem relativamente autônomas em relação às exigências imediatas de segurança e de domínio do mundo externo ao qual em sua origem deviam servir (VATTIMO, 2017, p. 102).

O instinto autônomo do verdadeiro, que já não se concebe como obrigação social, destinado e regulado para a utilidade comum em vista da qual surgira, mas como dever absoluto pela 'verdade'. O mundo da razão socrática, da moral platônico-cristã, da metafísica, enfim, da civilização ocidental é a história dessa relativa autonomia do mundo dos símbolos. Por isso,

[...] o que agora chamamos de mundo é o resultado de muitos erros e fantasias que surgiram gradualmente na evolução total dos seres orgânicos e cresceram entremeados, e que agora herdamos como o tesouro acumulado do passado – como tesouro: pois o *valor* de nossa humanidade nele reside (NIETZSCHE, HDH, §16, 2005, p. 27).

Assim, uma das críticas primeiras de Nietzsche à metafísica e futuramente em relação às suas expressões, como, por exemplo, a religião, é não reconhecer o erro como fundamental para a existência (OLIVEIRA, 2013). Não percebendo o erro como essencial, a metafísica com seu mundo de

sentidos tira a responsabilidade dos sujeitos como co-criadores de uma realidade e a deposita no mundo das ilusões. A metafísica leva para o homem o suposto benefício que é dar respostas ao mesmo tempo que o desresponsabiliza (NIETZSCHE, HDH, §17, 2005, p. 27). Ao negar o devir histórico das expressões culturais, é retirado do sujeito o caráter ativo, tornando-o mero expectador.

Um dos baluartes da metafísica é a religião (OLIVEIRA, 2013). É nela que o sujeito pode retirar todo um conjunto de dogmas e regras para tornar a vida mais palatável, criando deuses e seres intermediários para dar sentido ao seu sofrimento. O significado tem uma suprema virtude tranquilizadora, ele coincide com a certeza de uma ordem “objetiva” na qual todo fato se insere, como consequência, causa, signo de outra coisa (VATTIMO, 2017).

Com a moral religiosa cristã, o sujeito é levado a acreditar que um mundo de recompensas virá após este, impedindo-o que busque condições adequadas e prazerosas de existência, suprimindo suas paixões e insatisfações (NIETZSCHE, HDH, § 147, 2005, p. 117). Assim, o sujeito se vale das criações divinas para preencher sua vida e, conseqüentemente, seu sofrimento de sentido. A religião se constitui um erro no momento em que tenta negar parte da vida – o próprio erro como devir – dotando o sofrimento de vontade divina, fornece ao sujeito um “narcótico”, uma “anestesia” para a dor (OLIVEIRA, 2013). Para além da negação do vir a ser, cria-se uma forma passiva de ver o mundo no qual as coisas se dão de uma forma mágica, incompreensível (NIETZSCHE, HDH, § 148, 2005, p. 117). Ou seja, dá um sentido para a dor, mas nega a vida adoecendo o sujeito com sua inferioridade e incapacidade diante grandeza divina. Em um primeiro momento apequena o homem diante de um ser mitológico no qual se mostra perfeito e onipotente. Após, lhe é oferecido uma ilusão através da idealização da vida a ser seguida, com um conjunto específico de regras que fornecem a salvação. Por fim, ameaçam o sujeito com um Deus vingativo, atormentando-o com medos, castigos e ressentimentos (OLIVEIRA, 2013).

Com esse sentimento de apequenamento do homem promovido pela metafísica, mais precisamente pela religião, sentimentos como compaixão são vistos como expressões de laços entre os homens. A compaixão, para Nietzsche, é um “consolo para os fracos” (NIETZSCHE, HDH, § 50, 2005, p.

54). É através disso que o homem fraco vai buscar contagiar o outro com sua dor, como se fosse um poder dado a ele. Como expressão última de sua fraqueza, aquele que sofre tem o outro como expectador para que, por fim, possa também poder lhe causar dor.

Para além disso, outros artifícios foram criados para encobrir o movimento, como por exemplo, a arte e a moral de cultura. Na civilização, o homem também toma como natural aquilo que fora criado por ele, passando a ser enraizado com normas e conceitos de moral. A moral da cultura promove uma “idealização do homem” (OLIVEIRA, 2013), como se, de alguma forma, a humanidade pudesse se enquadrar em um conjunto de regulamentos que causariam apenas benefício. Os conceitos da moral seguidos pelos seres humanos não possuem ordem divina ou criadas por seres superiores, mas sim pelos próprios humanos, também passíveis de erros. Dessa forma, a cultura se mostra como expressão do erro e do mal-estar dentro da obra do autor.

Por fim, a arte também aparece como uma tentativa de encobrir o sofrimento. Para o autor, a arte tem função de colocar sobre a vida um “véu impuro” (NIETZSCHE, HDH, § 151, 2005, p. 118). Através de uma tentativa de embelezar a realidade, o artista com sua arte cerca a vida com mentiras nos quais deixam os sujeitos em uma posição de expectador, não sendo visto como necessário agir para modificar aquilo que não lhe é agradável, sendo apenas um apreciador. Com isso, passa a ser difícil livrar-se das mentiras e ilusões que impedem o vir a ser, tendo quase um prazer na mentira que a arte causa (NIETZSCHE, HDH, § 154, 2005, p. 119).

A filosofia de Nietzsche é ressaltada, sobretudo por seu aspecto destruidor; este se encontra de maneira explícita em *Humano, demasiado humano*. Muito embora se reconheça isso, não desconsideramos que nesse escrito de 1878 também contemple uma filosofia construtiva. Não há construção sem demolição. Quais são os sinais da cultura superior? Sobre isso veremos a seguir.

#### **4 ESPÍRITO LIVRE: SINAIS DE CULTURA SUPERIOR**

Uma vez elaborada na seção anterior a crítica de Nietzsche a diversas instâncias da cultura como a moral, a metafísica, a religião e a arte, compreendemos então que essa crítica se estabeleceu no sentido de que a

metafísica (por se embasar numa pretensão de verdade absoluta e fixa sobre o mundo) ao criar um mundo (negando o devir histórico) de coisa em si, ignora esse processo criativo, de maneira que o produto dessa elaboração ganhe autonomia, como se fosse uma realidade independente. Assim, todas essas explicações seriam “erros de raciocínio” (NIETZSCHE, HDH, §30, 2005, p. 36). A denúncia desses erros, entretanto, não significa uma mera refutação. Em outros termos, ao contrapor a “verdade” de seu método aos “erros” da interpretação metafísica, Nietzsche busca revelar, aproximando a filosofia histórica da ciência, que tais erros interpretativos acabaram por incorrer em interpretações nocivas e prejudiciais da vida como um todo, mas também para recuperar as coisas humanas numa análise da história da gênese do pensamento. Como já dito anteriormente, o erro dos elementos culturais não será eliminado com a crítica; mas não se reconhecerá mais aqueles raciocínios como autônomos, se não como uma tentativa de garantia e de “empatia com a vida e o sofrimento” que é pouco desenvolvida no indivíduo. Na medida em que se tentou eliminar o sofrimento e a dor da vida, acabou empobrecendo-a. Nem a religião e nem a filosofia poderiam eliminar o sofrimento do mundo e nem sequer isso seria desejável, já que o “sofrimento é conhecimento”, como atesta o título do aforismo 109 (NIETZSCHE, HDH, §109, 2005, p. 79).

A partir do seu método da filosofia histórica, Nietzsche descobre uma civilização empobrecida, fragilizada, na medida em que suspeita e difama tudo o que é humano. É fácil ver como os homens se tornam piores por qualificarem de mau o que é inevitavelmente natural e depois o sentirem sempre como tal. É artifício da religião, e dos metafísicos que querem o homem mau e pecador por natureza, suspeitar-lhe a natureza e assim torná-lo ele mesmo ruim, já que não pode se despir do hábito da natureza. Aos poucos, no curso de uma longa vida no interior do natural, ele se sente tão oprimido por esse fardo de pecados, que são necessários poderes sobrenaturais para lhe tirar esse fardo; e com isto surge em cena a já referida necessidade de redenção, que não corresponde em absoluto a uma pecaminosidade real, e sim a uma imaginária (NIEZSCHE, HDH, §141, 2005, p. 102-103).

A compreensão do termo civilização em Nietzsche se estabelece na medida que o processo civilizatório enfraquece a natureza, os impulsos e instintos humanos. A análise nietzschiana lançará suas suspeitas contra a

perspectiva de melhoramento do homem, típica do processo civilizatório, já que o enfraquecimento dos impulsos humanos promove ainda mais o adoecimento dele. A civilização impede que as dificuldades de um povo e de todo seu tempo sejam estímulos para a superação e elevação da cultura.

A filosofia de Nietzsche é ressaltada, sobretudo por seu aspecto destruidor. Vimos que esse é o tom de *Humano, demasiado humano*. Entretanto, não desconsideramos que nesse escrito de 1878 também haja propostas de uma filosofia construtiva. Afinal, não há construção sem demolição. Usando uma expressão nietzschiana presente no título do capítulo 5 de *Humano, demasiado humano*, perguntamos: quais são os sinais da cultura superior?

O germe de uma cultura elevada é percebido nessa obra enquanto expressão dos impulsos afirmadores da vida enquanto fluxo contínuo de auto superação. Favorecimento do crescimento de potências daqueles excêntricos e corajosos que enfrentam as dificuldades. Compreendendo que os valores são criados, no reconhecimento de que as coisas nascem, crescem.

A planta humana não tem uma determinação, então é preciso ser criada pela formação cultural; mas o que importa é como um determinado povo justifica a existência e como essa justificação da existência leva a uma vida mais saudável ou mais decadente. No sentido de quais impulsos se valoriza, quais impulsos reprime e qual o papel disso na saúde do povo. Assim, o filósofo seria aquele que tenta pensar aquelas valorizações e aqueles instintos que determinado povo utiliza no sentido de exaltar aquilo que faz com que valorizemos a vida e esse mundo tal como ele se apresenta como sinônimo de vitalidade.

A vida é marcada por um processo criativo contínuo; sem modelo para ser seguido, ela é entendida como experiência singular. E assim a cultura chega a um determinado momento em que encontra esse estágio e alguns excêntricos, loucos, degenerados, alguns fracos moralmente que não aceitam ou que são subversivos aquela regra ou apenas aqueles que não conseguem se adaptar e sucumbem. Eles geram um movimento que inoculam (NIETZSCHE, HDH, §224, 2005, p. 142) algo novo, no organismo inteiro, ou seja, provocam uma mudança, uma transformação. Alguns indivíduos em condições específicas, encontrando condições favoráveis conseguem inocular,

dar um impulso a essa cultura que estava embotada e rígida num certo conservadorismo. Desta forma, o autor ao chamar a atenção para os inadaptados, os marginalizados da sociedade moderna, comenta:

Algo semelhante acontece no indivíduo; raramente uma degeneração, uma mutilação ou mesmo um vício, em suma, uma perda física ou moral, não tem por outro lado uma vantagem. O homem doentio, por exemplo, numa estirpe guerreira e inquieta, poderá ter mais ocasião de estar só e assim se tornar mais tranquilo e sábio, o caolho enxergará mais agudamente, e o cego olhará para o interior mais profundamente, e em todo caso ouvirá com mais apuro (NIETZSCHE, HDH, §224, 2005, p. 142).

Abrindo espaço para os inadaptados como expressão de um espírito livre, portanto, para inserir na cultura aqueles que não conseguem por qualquer motivo, física ou espiritual, se adaptar aos valores dessa cultura e sociedade. Dessa forma, se percebe sinais de intenção/ inclusão em Nietzsche ao querer inserir na cultura aqueles que são considerados inadaptados a ela. Que a cultura superior disponha oportunidades para que cada um possa desenvolver as suas potencialidades como sinônimo de força. Ao invés de enquadrá-los a uma regra uniformizadora.

Quando se enfrenta uma dificuldade, uma perda ou o confronto com algum obstáculo é justamente a oportunidade de que temos de nos fortalecer e isso vale tanto para o indivíduo quanto para a cultura. Diante disso, uma cultura forte se mostra através da influência desses espíritos livres que estão um pouco fora dessa tradição. O espírito livre é aquele que não garante a certeza de suas opiniões mas a libertação da tradição mesmo diante da felicidade ou do fracasso, ele exige razões, os outros fé.

A vida de Nietzsche pertence a Nietzsche, não pode ser ensinada. A vida é a capacidade de cada um de nós acumular forças diante dos grilhões que nela resistem as prisões e dominações que tiram a liberdade, mas que o andarilho, aquele que possui em medida a liberdade, continua a caminhada apesar de seus erros e das portas das cidades fechadas para si, observa cada amanhecer com seus olhos abertos para todos os lados; para cada dia o reconhecimento de um novo amanhecer (NIETZSCHE, HDH, §638, 2005, p. 271-272).

Conseqüentemente, o espírito livre é expressão daquele que quer desvendar pela via do conhecimento rigoroso as raízes da civilização, ou seja, o quanto de humano demasiado humano há nas teorias que até então negam

as coisas humanas diante das explicações de mundo doadas pela metafísica. Nesse sentido, entendemos espírito livre não como um conceito, aquilo que é concebido em pensamento sobre algo ou alguém. Mas sim, como uma postura, uma determinada maneira de existir, de habitar a vida. Forma esta que não busca se agarrar a algo, mas que rompe com os conjuntos de preceitos incontestáveis, que não considera o conhecimento humano apto à obtenção de verdades absolutamente certas e seguras. O espírito livre assume as rédeas de sua existência, dando razões ele mesmo para seu modo de agir, argumentando e reconhecendo os valores que regem a sua existência como históricos.

O contentamento do espírito livre é a alegria das condições mesmas da vida, na experiência do vir a ser, da temporalidade. A vida não precisa de uma instância superior para validá-la. No entanto, a vida para ter dignidade precisou ser mascarada, conforme denúncia a crítica nietzschiana em Humano, demasiado humano. Mas como já observado, isso é uma ilusão, o erro, a dor e o sofrimento fazem parte da vida e devemos encará-la como ela é. Trata-se de aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos – aceitação que só um espírito superior é capaz.

Mas todo progresso e evolução é decorrente de um período de luta ou de um “debilitamento parcial” (NIETZSCHE, HDH, § 224, 2005, p. 142), que o espírito forte toma como um certo motor do seu desenvolvimento e crescimento. Ou seja, o progresso vem através do período de experimentação do novo e desconhecido. Dessa forma, o espírito livre viria após o período da turbulência, onde algo é aprendido daquilo que foi experimentado, fazendo com que determinado sujeito passe a responder não de um lugar onde a cultura espera, ou “com base nas opiniões que predominam seu tempo” (NIETZSCHE, HDH, § 225, 2005, p. 143), mas sim, de um lugar propriamente seu.

Diferentemente, o espírito cativo seria aquele que pelo hábito, não é experimentado o diferente. É neste tipo de espírito que as religiões, cultura e costumes se fortalecem. Aqui, se prevalece a fé em detrimento das razões e do intelecto, os valores morais são assimilados como divinos. Não são reconhecidos como históricos e criados humanamente! O Estado, por exemplo, se nutre da fé que os seguidores cativos lhe depositam. Hábitos são seguidos cegamente.

Mas como se tornar esse espírito livre? Na medida em que enfrenta seu próprio sofrimento, conquistando sua própria genialidade que não é dada, mas construída por um processo dinâmico. Compreender que os valores são humanos e históricos.

O indivíduo de cultura superior absorve algo das fases de seu desenvolvimento, enquanto os de cultura inferiores simplesmente apagam da consciência. Para isso, é necessário compreender que o homem é resultado de inúmeros sistemas e culturas diversas, sendo estas necessárias e alternáveis. Ou seja, o sinal de uma cultura elevada pode ser visto como uma “dança ousada” (NIETZSCHE, HDH, §278, 2005, p. 174), sendo necessária muita força e flexibilidade para buscar o conhecimento, mas não se ater as amarras que ele prega, havendo momentos em que seja possível apreciar a poesia, religião e metafísica como ilusões e erros necessários para a vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partimos da pergunta: como a ilusão é compreendida por Nietzsche em *Humano, demasiado humano*? Ao longo do caminho, percebemos que a ilusão é entendida como uma aversão ao movimento, à mudança, ao tornar-se das coisas. Por isso, a metafísica, a religião, a moral e a arte foram consideradas ilusões. Elas fixaram realidades últimas, como se gozassem de uma autonomia frente à vida. Na medida em que Nietzsche foi retirando os véus que encobriam a origem humana das instâncias culturais, ele não o fez para perseguir uma verdade, mas para mostrar que “O erro tornou o homem profundo, delicado e inventivo a ponto de fazer brotar as religiões e as artes” (NIETZSCHE, HDH, §30, 2005, p. 36). O erro dos elementos culturais não será eliminado com essa crítica, mas tais construções não serão reconhecidos mais como autônomos, e sim como uma tentativa de garantia e de “empatia com a vida e o sofrimento” que é pouco desenvolvida no indivíduo. Sendo assim, essa crítica não reproduz o mesmo teor crítico iluminista que acreditava na força da razão. A mentira é necessária para vivermos.

Pudemos perceber ainda que *Humano, demasiado humano* para além do seu teor crítico, ele também carrega consigo sinais de uma filosofia construtiva. Não há construção sem demolição. Ao criticar a cultura, o filósofo abriu-nos novos caminhos para uma cultura mais elevada. O sinal desta

consiste em conceber o mundo e a vida tal qual um experimento científico e assim “será feita a primeira experiência para saber se a humanidade pode se transformar, de moral em sábia” (NIETZSCHE, HDH, §107, 2005, p. 77). Para se fazer de si uma grande aventura, uma grande jornada! Reaprender a andar e a procurar com olhos mais atentos, aquele curioso olhar com que a criança descobria o mundo. O experimento nos abre novas possibilidades de vida através de uma autoformação direta! Sem intermediários! Portanto, “a total irresponsabilidade do homem por seus atos e seu ser é a gota mais amarga que o homem do conhecimento tem de engolir” (NIETZSCHE, HDH, §107, 2005, p. 76) para a compreensão de uma nova maneira de olhar mais abrangente. E assim, o devir-criança pode ser considerado um empreendimento do espírito livre. Uma experimentação leve, sem culpa, sem má-consciência!

A Experimentação é o caminho encontrado pelo espírito livre, passo a passo sobre os valores demasiados humanos, só assim ele pode aproximar-se de si mesmo num aprendizado que precisa ser feito sozinho. Caminhar sobre os destroços dos valores demasiado humanos e então ganhar energias para traçar novos caminhos. O conhecimento nasce destas experimentações, em que a ciência é o método rigoroso para questionar os valores metafísicos estabelecidos, além de problematizar os valores testando a força destes valores e para que eles nos servem já que nada é fixo e nem assegurado em certezas absolutas.

Portanto, “é chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra” (NIETZSCHE, HDH, §225, 2005, p. 143). Como libertaram-se? A distinção é a marca que carregam: não são escravos de seu tempo nem e das pequenas ideias, mas aqueles que aprenderam a pensar por si mesmo. Coragem e avante!

## **ABSTRACT**

From Human, too human, a writing that comprises the so-called intermediate period of Nietzsche's philosophy, we intend to show, basically, what is the sense of illusion present in Nietzsche's critique of metaphysics, morality and religion. We would like to clarify that it is in the course of the exposition that we

wish to see answered the following questions: how does Nietzsche understand the sense of illusion in *Human, too human*? Illusion is not equivalent to a misinterpretation, fallacy and/or lie that must be discarded and taken care of so that it does not appear in human life. It is understood here as an aversion to movement, to change, to the becoming of things. This is the interpretative key to understanding the Nietzschean critique of metaphysics, religion, morality, and art as illusions. The way to go beyond these oppositions established by metaphysical fiction is a historical resumption of the stages of human history. The error of the cultural elements will not be eliminated with this critique, but such constructions will no longer be recognized as autonomous, but rather as an attempt at assurance and "empathy with life and suffering" that is underdeveloped in the individual. The lie is necessary for us to live.

Keywords: Nietzsche. Illusion. Culture. Life

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. **TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 1, n. 2, 2008.

LIMA, M. J. S. **As máscaras de Dioniso**: filosofia e tragédia em Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. A religião como má interpretação do sofrimento no *Humano, demasiado humano* de Nietzsche. **Dissertatio Revista de Filosofia**, v. 38, p. 97 – 120, 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8622/5645>> Acesso em 15 nov, 2021.

SANTOS, Maria Carolina Alves dos. A lição de Heráclito. **Trans/Form/Ação**, v. 13, p. 01-09, 1990.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Tradução António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e a máscara**: Nietzsche e o problema da libertação. Tradução Silvana Cobucci Leite. Petrópolis: Vozes, 2017.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução Vinicius de Andrade. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013.